

ORHAN PAMUK

# O Museu da Inocência

*Tradução*

Sergio Flaksman



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Orhan Pamuk

A presente tradução foi feita com base na tradução inglesa *The Museum of Innocence*, de Maureen Freely

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Masumiyet Müzesi

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

Ahmet Isikci

*Mapa*

Miray Ozkan

*Preparação*

Jane Pessoa

*Índice dos personagens*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pamuk, Orhan

O museu da inocência / Orhan Pamuk ; tradução Sergio Flaksman. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Masumiyet müzesi.

ISBN 978-85-359-1857-1

1. Ficção turca I. Título.

11-03116

CDD-894.35

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura turca 894.35

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Eram pessoas inocentes, tão inocentes que achavam a pobreza um crime que a riqueza lhes permitiria esquecer.

*Dos cadernos de Celâl Salik*

Se um homem pudesse passar pelo Paraíso num Sonho, e recebesse uma flor como prova de que sua Alma realmente estivera lá, e encontrasse a flor em sua mão quando despertasse — Sim? E então?

*Dos cadernos de Samuel Taylor Coleridge*

Primeiro passei em revista todos os objetos em cima da mesa, suas loções e perfumes. Peguei-os e os examinei um a um. Revirei seu relógio em minha mão. E então olhei em seu guarda-roupa. Todos aqueles vestidos e acessórios empilhados um em cima do outro. Essas coisas que toda mulher usa para se completar induziram em mim uma solidão dolorosa e desesperada; senti que era dela, só desejava ser dela.

*Dos cadernos de Ahmet Hamdi Tanpınar*

# Sumário

Mapa .....	13
1. O momento mais feliz da minha vida .....	15
2. A boutique Şanzelize .....	16
3. Parentes distantes .....	19
4. Amor no escritório .....	22
5. O Fuaye .....	24
6. As lágrimas de Füsün .....	27
7. O edifício Merhamet .....	32
8. O primeiro refrigerante da Turquia à base de frutas .....	38
9. F .....	39
10. As luzes da cidade e a felicidade .....	44
11. A Festa do Sacrifício .....	47
12. Beijando os lábios .....	55
13. O amor, a coragem, a modernidade .....	62
14. As ruas, as pontes, as ladeiras e as praças de Istambul .....	68
15. Algumas verdades antropológicas impalatáveis .....	75
16. O ciúme .....	78
17. Toda a minha vida depende agora de você .....	82

18. A história de Belkis .....	88
19. No funeral .....	94
20. As duas condições de Füsün .....	97
21. A história do meu pai: os brincos de pérola .....	101
22. A mão de Rahmi Efendi .....	110
23. O silêncio .....	113
24. A festa de noivado .....	117
25. A agonia da espera .....	162
26. O mapa anatômico das dores de amor .....	165
27. Não se incline tanto assim para trás, você pode cair .....	169
28. O consolo dos objetos .....	172
29. A essa altura mal havia um momento em que eu não pensasse nela ..	176
30. Füsün não mora mais aqui .....	179
31. As ruas que me fazem lembrar dela .....	181
32. As sombras e fantasmas que eu confundia com Füsün .....	183
33. Exaltações vulgares .....	186
34. Como um cão no espaço sideral .....	190
35. As primeiras sementes da minha coleção .....	195
36. Para cultivar uma pequena esperança que pudesse atenuar a minha dor .....	197
37. A casa vazia .....	202
38. A festa do fim do verão .....	204
39. A confissão .....	208
40. As compensações da vida numa yalı .....	212
41. Nadando de costas .....	214
42. A melancolia do outono .....	216
43. Os dias frios e solitários de novembro .....	223
44. O hotel Fatih .....	228
45. Um feriado em Uludağ .....	234
46. É normal largar assim a sua noiva? .....	236
47. A morte do meu pai .....	243
48. A coisa mais importante na vida é ser feliz .....	249
49. Eu pretendia pedir a ela que se casasse comigo .....	254
50. Era a última vez em que eu a veria .....	264
51. A felicidade é estar perto de quem você ama, e mais nada .....	273

52. Um filme sobre a vida e a agonia precisa ser sincero .....	281
53. Um coração indignado e partido não serve de nada para ninguém ..	292
54. O tempo .....	302
55. Volte amanhã, e podemos sentar juntos de novo .....	311
56. A Limon Filmes Ltda. ....	322
57. Sobre a incapacidade de me levantar e ir embora .....	330
58. A tômbola .....	341
59. Passando pela censura .....	351
60. Noites à beira do Bósforo, no restaurante Huzur .....	359
61. O olhar .....	367
62. Para ajudar a passar o tempo .....	374
63. A coluna social .....	382
64. O incêndio no Bósforo .....	391
65. Os cachorros .....	398
66. O que é isso? .....	403
67. A água-de-colônia .....	407
68. 4213 pontas de cigarro .....	418
69. Às vezes .....	423
70. Vidas partidas .....	429
71. O senhor quase não vem mais aqui, Kemal Bey .....	435
72. A vida também é exatamente igual ao amor... ..	445
73. A carteira de motorista de Füsün .....	450
74. Tarık Bey .....	466
75. A confeitaria İnci .....	478
76. Os cinemas de Beyoğlu .....	486
77. O hotel Grand Semiramis .....	496
78. Chuva de verão .....	505
79. Viagem para um outro mundo .....	510
80. Depois do acidente .....	517
81. O Museu da Inocência .....	523
82. Os colecionadores .....	532
83. A felicidade .....	541
 Agradecimentos .....	 563
Índice dos personagens .....	565

## 1. O momento mais feliz da minha vida

Era o momento mais feliz da minha vida, mas eu não sabia. Se soubesse, se tivesse dado o devido valor a essa dádiva, tudo teria acontecido de outra maneira? Sim, se eu tivesse reconhecido aquele momento de felicidade perfeita, teria agarrado com força e nunca deixaria que me escapasse. Levou alguns segundos, talvez, para aquele estado luminoso tomar conta de mim, mergulhando-me na paz mais profunda, mas ele me pareceu ter durado horas, até mesmo anos. Naquele momento, na tarde de segunda-feira, 26 de maio de 1975, em torno de quinze para as três, assim como nos sentíamos além do pecado e da culpa, o mundo todo parecia ter sido liberado da gravidade e do tempo. Beijando o ombro de Füsün, já úmido com o aquecimento do nosso amor, eu a penetrei delicadamente por trás, e enquanto mordida de leve sua orelha, seu brinco deve ter se soltado e, pelo que nos pareceu, pairado em pleno ar antes de cair por vontade própria. Nosso prazer era tão profundo que continuamos a nos beijar, ignorando a queda do brinco, cuja forma eu nem sequer tinha percebido.

Do lado de fora, o céu refulgia como só ocorre em Istambul na primavera. Nas ruas, as pessoas que ainda envergavam suas roupas de inverno trans-

piravam, mas dentro das lojas e dos prédios, e à sombra das tílias e das castanheiras, fazia frio. Sentíamos o mesmo frio erguer-se do colchão embolorado no qual fazíamos amor, da maneira como as crianças brincam, ignorando alegremente tudo mais. Uma brisa entrava pela janela da varanda, aromatizada pelo mar e pelas folhas de tília; erguia as cortinas de tule, e depois elas desinflavam em câmera lenta, arrepiando nossos corpos nus. Da cama do quarto dos fundos do apartamento do segundo andar, víamos um grupo de meninos jogando futebol no jardim, ao nível da rua, gritando furiosos palavrões no calor da partida, e, quando nos ocorreu que estávamos encenando, palavra por palavra, exatamente aquelas indecências, paramos de fazer amor para nos olharmos nos olhos e sorrir. Mas tão grande era nossa exaltação que a graça do que nos envolvia vinda do pátio dos fundos foi esquecida tão depressa quanto o brinco.

Quando nos encontramos no dia seguinte, Füsün me disse que tinha perdido um dos brincos. Na verdade, pouco tempo depois que ela fora embora na tarde anterior, eu o localizara aninhado nos lençóis azuis, com sua inicial pendendo da ponta da joia, e já me preparava para pô-lo de lado quando, por uma estranha compulsão, guardei-o no bolso. E então eu disse: “Está aqui comigo, querida”, enquanto enfiava a mão no bolso direito do paletó pendurado nas costas de uma cadeira. “Ah, sumiu!” Por um momento, tive um mau presságio, uma sugestão de desígnio maléfico, mas então lembrei que tinha vestido um paletó diferente naquela manhã por causa do tempo mais quente. “Deve estar no bolso do meu outro paletó.”

“Traga amanhã, por favor. Não se esqueça”, disse Füsün, arregalando os olhos muito grandes. “Gosto muito dele.”

“Está bem.”

Füsün tinha dezoito anos, era uma parente distante e mais pobre, e até deparar por acaso com ela um mês antes eu praticamente me esquecera de sua existência. Estava com trinta anos e prestes a ficar noivo de Sibel, que, segundo todos diziam, era a mulher perfeita para mim.

## 2. A boutique Şanzelize

A série de acontecimentos e coincidências que estava a ponto de mudar minha vida inteira tinha começado um mês antes, no dia 27 de abril de 1975,



quando Sibel por acaso viu uma bolsa desenhada pela famosa Jenny Colon numa vitrine enquanto caminhávamos pela avenida Valikonağı, aproveitando o frescor da tarde de primavera. Nossa cerimônia de noivado não tardaria; estávamos animados e um pouco embriagados. Acabávamos de sair do Fuaye, um novo restaurante chique de Nişantaşı; jantando com meus pais, tínhamos conversado longamente sobre os preparativos para a festa de noivado, marcada para meados de junho, de modo que Nurcihan, amiga de Sibel desde os tempos do Liceu Notre-Dame de Sion, e também de seus tempos em Paris, pudesse vir da França e estar presente. Sibel já encomendara fazia tempo seu vestido de noivado a İsmet Sedosa, na época a costureira mais cara e solicitada de Istambul, e naquela tarde Sibel e minha mãe discutiram de que maneira deviam ser bordadas as pérolas que minha mãe lhe dera para o vestido. Era vontade expressa de meu futuro sogro que a festa de noivado de sua única filha fosse extravagante como um casamento, e minha mãe ficara encantada com a possibilidade de ajudar a cumprir esse desejo da melhor maneira possível. Quanto ao meu pai, já estava encantado com a perspectiva de uma nora que “estudara na Sorbonne”, como se dizia naquele tempo entre a burguesia de Istambul de qualquer moça que tivesse passado um período em Paris envolvida em qualquer tipo de estudo.

Foi quando levava Sibel para casa caminhando aquela noite, meu braço envolvendo carinhosamente seus ombros largos, refletindo orgulhoso o quanto eu tinha sorte e era feliz, que Sibel disse: “Ah, que bolsa linda!”. Embora meu espírito estivesse um pouco enevoado pelo vinho, prestei atenção na bolsa e no nome da loja, e na hora do almoço do dia seguinte fui até lá. Na verdade eu nunca tinha sido um desses playboys escolados e cavalheirescos sempre à procura de qualquer pretexto para comprar presentes ou mandar flores para as mulheres, embora talvez quisesse ser. Naquele tempo, as entediadas donas de casa ocidentalizadas dos bairros mais ricos, como Şişli, Nişantaşı e Bebek, não abriam “galerias de arte”, mas boutiques cujos estoques eram formados por complementos e conjuntos contrabandeados na bagagem pessoal que traziam de Paris ou Milão, ou por cópias dos vestidos da “última moda” que apareciam nas revistas importadas como *Elle* e *Vogue*, vendendo essas mercadorias a preços ridiculamente inflados a outras donas de casa tão entediadas quanto elas. Como ela haveria de me lembrar quando a procurei anos mais tarde, Şenay Hanım, então proprietária da Şanzelize (nome que era uma transliteração da lendária avenida parisiense dos Champs-Élysées), era,

como Füsün, parente minha muito distante por parte de mãe. O fato de ter me dado o letreiro que na época pendia da porta da loja, bem como qualquer outro objeto ligado a Füsün, sem me perguntar o motivo de tamanho interesse pelo estabelecimento havia tanto tempo fechado, levou-me a entender que alguns dos detalhes mais notáveis da nossa história eram do seu conhecimento, e de fato tiveram uma circulação muito mais ampla do que eu supunha.

Quando entrei na Şanzelize em torno de meio-dia e meia do dia seguinte, a pequena campainha de bronze na forma de um camelo emitiu duas notas que ainda fazem meu coração disparar. Era um dia quente de primavera, e o interior da loja estava fresco e pouco iluminado. Num primeiro momento achei que não havia ninguém, enquanto meus olhos ainda se ajustavam à sombra depois do sol forte do meio-dia. Então senti meu coração subir à garganta, com a força de uma onda imensa a ponto de quebrar-se na areia.

“Quería comprar a bolsa do manequim da vitrine”, consegui dizer, desequilibrado pela visão.

“Está falando da Jenny Colon de couro creme?”

Quando trocamos um olhar, lembrei-me imediatamente dela.

“A bolsa do manequim da vitrine”, repeti em tom sonhador.

“Ah, está bem”, disse ela e caminhou até a vitrine. Num instante tinha descalçado seus sapatos amarelos de salto alto, apoiando o pé descalço, cujas unhas pintara cuidadosamente de vermelho, no piso da vitrine, e estendia o braço para o manequim. Meus olhos viajaram do sapato vazio até suas compridas pernas nuas. Ainda nem era maio, e elas já estavam bronzeadas.

O comprimento daquelas pernas fazia sua saia amarela rendada parecer ainda mais curta. Após pescar a bolsa, ela voltou até o balcão e com seus dedos longos e habilidosos removeu as bolas de papel de seda de cor creme amassado, mostrando-me o interior do compartimento com fecho eclipse, os dois compartimentos menores (ambos vazios), bem como o compartimento secreto de onde extraiu um cartão que dizia JENNY COLON, com gestos que sugeriam mistério e seriedade, como se me mostrasse algo muito pessoal.

“Olá, Füsün. Como você cresceu! Talvez não tenha me reconhecido.”

“De maneira nenhuma, primo Kemal, reconheci você na mesma hora, mas quando vi que não tinha me reconhecido achei que era melhor não incomodar.”

Fez-se um silêncio. Tornei a olhar num dos compartimentos que ela acabara de me indicar dentro da bolsa. Sua beleza, ou sua saia, que era de fato

curta demais, ou alguma outra coisa qualquer, me perturbara, e eu não conseguia me comportar com naturalidade.

“Bem... e o que você anda fazendo ultimamente?”

“Estou estudando para o vestibular. E também venho aqui todo dia. Aqui na loja, estou conhecendo gente de todo tipo.”

“Maravilhoso. Mas, me diga, quanto custa essa bolsa?”

Franzindo as sobrancelhas, ela examinou a etiqueta escrita à mão no fundo da bolsa: “Mil e quinhentas liras”. (Na época, o equivalente a seis meses de salário de um funcionário público iniciante.) “Mas tenho certeza de que Şenay Hanım gostaria de lhe oferecer um preço especial. Ela foi almoçar em casa e agora deve estar fazendo a sesta, e então não posso ligar para ela. Mas se puder passar aqui mais tarde...”

“Não faz diferença”, disse eu, e puxando minha carteira — um gesto desajeitado que, mais tarde, no local de nossos encontros secretos, Füsün muitas vezes imitaria — contei as notas úmidas. Füsün embrulhou a bolsa em papel, tomando cuidado mas com evidente inexperiência, e então guardou o embrulho numa sacola de plástico. Ao longo de todo esse silêncio, ela sabia que eu admirava seus braços cor de mel e seus movimentos rápidos e elegantes. Quando me entregou a sacola de compras com um gesto cortês, agradei. “Por favor dê lembranças minhas a tia Nesibe e a seu pai”, disse eu (não tendo conseguido lembrar-me a tempo do nome de Tarık Bey). Por um instante, fiz uma pausa. Meu fantasma deixou meu corpo e naquele momento, em alguma esquina do céu, abraçava e beijava Füsün. Dirigi-me depressa para a porta. Que devaneio absurdo, especialmente porque Füsün nem era tão linda assim. A campainha da porta tilintou, ouvi um canário gorjear e saí para a rua, feliz de sentir calor. Estava satisfeito com a minha compra; amava muito Sibel. Decidi esquecer-me daquela loja, e de Füsün.

### 3. Parentes distantes

Ainda assim, no jantar daquela noite mencionei para minha mãe que tinha me encontrado com nossa parente distante Füsün quando fui comprar uma bolsa para Sibel.